

O modelo analítico (Jung)



Fonte: <https://pixabay.com/pt/illustrations/percep%C3%A7%C3%A3o-psicologia-face-split-4039508/>

O que você tem achado dos teóricos examinados até aqui? Todos eles recebem críticas de peso provenientes dos meios acadêmico e intelectual, mas, mesmo assim, entraram para a História como importantes cientistas e fundadores de escolas de pensamento sobre o ser humano. E todos eles trouxeram uma densa contribuição para o entendimento do psiquismo e do comportamento humano, cada um com seu viés, com seu olhar. E a junção



destes modelos pode dar uma visão mais completa de como funcionamos. Vamos ilustrar?

Tente pensar em uma pessoa num ambiente completamente escuro. De repente alguém a ilumina de seu lado direito. Em seguida, outra luz clareia seu lado esquerdo. E mais uma iluminação revela a frente do corpo. Então, uma última alumia a parte de trás da pessoa. Caso um destes focos de luz seja apagado, a visão que teremos daquela figura se tornará obviamente prejudicada.

Da mesma forma, as diversas visões sobre o humano trazidas pelos psicólogos que investigamos, aclaram vertentes do seu funcionamento interior, bem como de seus comportamentos. E, de alguma maneira, se complementam na compreensão de suas variadas facetas. À vista disso, que tal acessarmos mais uma orientação sobre a dinâmica mental e comportamental do ser humano?

Nosso último especialista discutido neste estudo será o psiquiatra suíço Carl Gustav Jung. Com isso, voltaremos nosso foco novamente para a interioridade do psiquismo humano.

Jung foi fortemente influenciado pelas descobertas e ideias de Freud. No entanto, a força de sua personalidade e pensamento, a qualidade de sua experiência, além de suas próprias pesquisas, não permitiram que fosse apenas um mero discípulo do mestre vienense. Em dado momento, houve uma ruptura¹ e Jung seguiu seu próprio entendimento e trajetória de modo independente (sem nunca deixar de reconhecer o quanto era tributário ao outro).²

Por exemplo, por que Jung nominou seu método de *psicologia analítica*? Para entendermos isso, é preciso ressaltar uma divergência marcante entre Jung e Freud. Como vimos, para Freud o funcionamento psíquico dependia de um substrato biológico. Ou seja, o que acontecia na mente deveria partir de um funcionamento biológico (não existe mente sem cérebro).

Jung, contudo, não entendia dessa forma. Ao contrário, deu o nome de *psicologia analítica* ao seu sistema, pois com isso “pretendia significar que a psique não tinha nenhum substrato biológico.” (ROUDINESCO e PLON, 1998, p. 422).

Que tal compreender um pouco mais a respeito de como Jung entendia o psiquismo e por que divergia de Freud? Assim como fizemos com os demais

¹ Em 1912 o conflito entre Jung e Freud se tornou evidente por conta de divergências teóricas e em 1913 a ruptura se consumou (ROUDINESCO e PLON, 1998, p. 423)

² Ver JUNG, Carl Gustav. *O Eu e o inconsciente*. Petrópolis: Vozes, 1987.



teóricos, vamos conhecer, então, os principais conceitos da *psicologia analítica*.

Um fator primordial nas teorias de Freud e Jung é o conceito de inconsciente. E este é mais um aspecto em que os dois teóricos divergiam, pois para Freud o inconsciente era algo unicamente pessoal; e Jung, apesar de aceitar o inconsciente individual, concebeu a ideia de *inconsciente coletivo*, uma dimensão mais profunda do inconsciente (JUNG, 1987, p. 31) que seria comum a toda a espécie humana (JUNG, 1987, p. 20), proposição esta não aceita por Freud. Avaliemos, pois, estas conceituações na perspectiva junguiana.

Inconsciente

Freud entendia que o *inconsciente* continha conteúdos reprimidos desde a primeira infância por conta das influências morais do ambiente. Jung admite que isso possa ser considerado, mas entende ser incorreto entendê-lo somente nestes termos.

O inconsciente possui, além deste, um outro aspecto, incluindo não apenas conteúdos *reprimidos*, mas todo o material psíquico que subjaz ao limiar da consciência. É impossível explicar pelo princípio da repressão a natureza

subliminal de todo este material; caso contrário, a remoção das repressões proporcionaria ao indivíduo uma memória fenomenal, à qual nada escaparia (JUNG, 1987, p. 3).

Para Jung, portanto, no *inconsciente* está “tudo o que conheço, mas não penso num dado momento”. Envolve, igualmente, “tudo aquilo de que já tive consciência, mas esqueci”. Contém também “tudo o que foi percebido por meus sentidos e meu espírito consciente não registrou”. E, “tudo o que involuntariamente e sem prestar atenção (isto é, inconscientemente), sinto, penso, relembro, desejo e faço.” Por fim, “todo o futuro que se prepara em mim e que só mais tarde se tornará consciente, tudo isso é conteúdo inconsciente.” (JUNG, 1989, p. 354).

Inconsciente coletivo

Um tanto mais original e, talvez por isso mesmo, mais controversa, é a noção de *inconsciente coletivo*. Jung, para ser didático em relação ao conceito, propôs que assim como existe um sujeito e, por outro lado, vários indivíduos que formam uma sociedade, do mesmo modo “além da psique pessoal, há uma psique coletiva: o inconsciente coletivo.” (JUNG, 1987, p. 20). Mas como podemos entender melhor o que queria dizer com isso? Observe:

Aborígenes, nórdicos, hindus, chineses, indígenas, possuem cérebro, ossos, vísceras, pulmões, coração e sangue de mesma cor. Esta seria sua herança biológica que caracterizaria todos os humanos. Da mesma forma, o *inconsciente coletivo* poderia ser visto como os “fundamentos estruturais da psique comum a todos os homens.” (SILVEIRA, 1981, p. 72).

Neste contexto, Jung afirma que assim como o corpo humano apresenta esta anatomia comum a todos, independentemente das diferenças étnicas, assim também seu psiquismo possui um “substrato comum”, justamente o qual denomina *inconsciente coletivo* (SILVEIRA, 1981, p. 72).

Com isso, os conteúdos do inconsciente coletivo “constituem como que uma condição ou base da psique em si mesma, condição onipresente, imutável, idêntica a si própria em toda parte.” (JUNG, 1989, p. 355). Estes elementos do inconsciente comuns a todos os humanos seriam aqueles que existem “em seus níveis mais profundos” (JUNG, 1987, p. 13).

Como ficou claro, então, no entender de Jung, portanto, o inconsciente não deveria conter apenas dados de ordem pessoal, mas também coletiva.³ Há mais que isso, no entanto:

³ Alguns estudos culturais importantes se sucederam às pesquisas de Jung, que esteve na África do Norte, no deserto do Saara, no Quênia, em Uganda, na Índia, em tantos lugares da América, como no Novo México, onde conheceu os índios pueblos, e outras tantas localidades da Europa e do mundo (JUNG, 1989). Dentre estes estudos se destaca a etnoanálise, que “retoma a noção de inconsciente coletivo, com a condição de não confundir



Intimamente relacionada à noção de *inconsciente coletivo* está a ideia de *arquétipo*. Este é mais um caso dos vários que já vimos em que uma concepção faz parte, complementa, se relaciona, não pode existir sem a outra dentro de um mesmo modelo teórico.

“Diante destes fatos devemos afirmar que o inconsciente contém, não só componentes de ordem pessoal, mas também impessoal, coletiva, sob a forma de *categorias herdadas* ou *arquétipos*” (JUNG, 1987, p. 13).

Arquétipos

O modelo analítico, apesar das controvérsias que possa despertar, apresenta contribuições para o entendimento humano de pertinente interesse. O conceito de *arquétipo* se encaixa de maneira apropriada nessa conjunção.

Foi no ano de 1919 que Jung elaborou a definição de *arquétipo*. Tal conceituação derivou da concepção de *imago* (que significa imagem em latim) (ROUDINESCO e PLON, 1998, p. 422).

coletivo com universal; o coletivo é próprio de cada cultura (...). Não existe sujeito humano independente da sociedade familiar, política e religiosa em que ele nasceu e viveu (...). Tudo depende do inconsciente coletivo do sujeito.” (JULIEN, 2010, p. 41, 42).

Talvez você possa ter algumas noções a respeito deste conceito. Em todo caso, é importante direcionar o olhar às proposições seguintes:

Para entender melhor o que envolve a ideia de *arquétipo*, pense no inconsciente como o interior de um automóvel (que representaria o inconsciente em si). Dentre outros componentes, teremos ali o teto, o assoalho, os bancos, os cintos de segurança, a direção e uma série de instrumentos para a adequada condução do veículo.

Estas peças dão forma, integram o interior do carro; e, dessa forma, ilustram o que seriam os *arquétipos*; ou seja, estes conteúdos que compõem o interior do carro equivaleriam, portanto, aos *arquétipos*, os elementos que constituem o inconsciente coletivo.

Para Jung, os *arquétipos* seriam estruturas passadas de geração em geração herdadas de tempos remotos (JUNG, 198-?, p. 53)⁴. Deste modo, os *arquétipos* seriam como que “os alicerces da vida psíquica comuns a todos os indivíduos.” (SILVEIRA, 1981, p. 38).

⁴ “A pesquisa comparada das religiões e dos mitos, do mesmo modo que a psicologia dos sonhos (...), são verdadeiras minas de dados. O espantoso paralelismo entre tais imagens e as ideias por elas expressas deram azo frequentemente até às mais ousadas teses de migração, quando o mais lógico teria sido pensar em uma semelhança notável da alma humana em todas as épocas e em todos os lugares.” (JUNG, 198-?, p. 53).



Outras pessoas que estudam, por exemplo, a mitologia dos mais diversos povos, ficam intrigadas por qual motivo várias histórias, símbolos etc., se repetem de modo tão semelhante em diversas culturas sem que elas tenham historicamente tido nenhum contato ⁵ Como explicar este fenômeno?

Para Jung o conceito de *arquétipo* “explica o fato de que os processos inconscientes dos povos e raças mais afastados apresentem uma correspondência impressionante que se manifesta, entre outras coisas, pelos temas e formas mitológicas autóctones.” (JUNG, 1987, p. 124).

A noção de arquétipo, postulando a existência de uma base psíquica comum a todos os humanos, permite compreender porque em lugares e épocas distantes aparecem temas idênticos nos contos de fadas, nos mitos, nos dogmas e ritos das religiões, nas artes, na filosofia, nas produções do inconsciente de um modo geral (SILVEIRA, 1981, p. 78).

Jung foi muito feliz ao usar alguns exemplos da vida animal para ilustrar de maneira ainda mais clara o que são os *arquétipos*:

Para explicar o que são os arquétipos, Jung utilizou a comparação com os padrões herdados de comportamento nos animais. ‘O modo como os pássaros fazem ninho, por exemplo, é um código inato, assim como certos fenômenos simbióticos entre insetos e plantas. Da mesma forma, o homem nasce com certo funcionamento, um certo padrão de comportamento *que o torna especificamente humano*. Este padrão está expresso nas imagens arquetípicas, ou formas

⁵ Ver CAMPBELL, Joseph. *O poder do mito*. São Paulo: Palas Athena, 1990.



arquetípicas.’ (EVANS, 1964 apud REIS, MAGALHÃES e GONÇALVES, 1984, p. 140).

Estabelecidas estas bases conceituais do modelo junguiano, podemos seguir para outros componentes da composição psíquica a partir do seu prisma. Vamos lá?

Ego

Edinger (2004, p. 22) defende que “todo modelo da psique deve começar pelo ego.” E por quê? Em razão de o *ego* ser “a base da consciência e o centro subjetivo do senso de identidade do indivíduo.” Por conta disso, “tudo o que existe na consciência deve estar relacionado a um ego, a um sujeito. Esse é o ponto de partida.”

Fadiman e Frager (1986, p. 52) caminham no mesmo sentido de Edinger ao frisarem o *ego* como “centro da consciência”. E os autores chamam também a atenção para o direcionamento que o ego dá para a vida.

Ele [o *ego*] fornece um sentido de consistência e direção em nossas vidas conscientes. Ele tende a contrapor-se a qualquer coisa que possa ameaçar esta frágil consistência da consciência e tenta convencer-nos de que sempre devemos planejar e analisar conscientemente nossa experiência (FADIMAN e FRAGER, 1986, p. 52, 53).

Notamos, portanto que para Jung “a psique compreende tanto o campo da consciência quanto o inconsciente.” Deste modo, “no campo da consciência, temos o Ego como centro, sendo que este é o *sujeito* de todos os atos pessoais da consciência.” Assim, “qualquer conteúdo psíquico consciente” deve ter sua relação com o Ego⁶ (REIS, MAGALHÃES e GONÇALVES, 1984, p. 136).

Esta conexão é o próprio critério da consciência, pois para que um conteúdo seja conhecido ele deve ser representado para um sujeito. Assim, o Ego não é equivalente ao campo da consciência, mas antes é o seu ponto de referência (REIS, MAGALHÃES e GONÇALVES, 1984, p. 136).

Persona

O conceito de *persona* é um pouco mais simples de entendimento. Ela está associada a toda a sorte de papéis que cumprimos em sociedade. Jung afirma que conforme seu nome revela, a *persona* corresponde a uma espécie de máscara (JUNG, 1987, p. 32).

Nossa persona é a forma pela qual nos apresentamos ao mundo. É o caráter que assumimos; através dela nós nos relacionamos com os outros. A persona inclui nossos papéis

⁶ “Porém, logo em seguida, percebi que, ao mesmo tempo que eu queria pensar que tudo era falso, fazia-se necessário que eu, que pensava, fosse alguma coisa. E, ao notar que esta verdade: *eu penso, logo existo*, era tão sólida e tão correta que as mais extravagantes suposições dos céticos não seria capazes de lhe causar abalo, julguei que poderia considerá-la, sem escrúpulo algum, o primeiro princípio da filosofia que eu procurava.” (DESCARTES, 1637/1999, p. 62).



sociais, o tipo de roupa que escolhemos para usar e nosso estilo de expressão pessoal. O termo “*persona*” é derivado da palavra latina equivalente a máscara, e que se refere às máscaras usadas pelos atores no drama grego para dar significado aos papéis que estavam representando. As palavras “*pessoa*” e “*personalidade*” também estão relacionadas a este termo (FADIMAN e FRAGER, 1986, p. 53).

Edinger (2004, p. 22, 23), acrescenta que a *persona* “representa uma função de adaptação, uma marca de nossa ligação ao ambiente, para que possamos nos adaptar à expectativa dos outros [...]”. Isso quer dizer que “a *persona* é a entidade psíquica que opera entre o ego e o mundo externo.” Vamos entender um pouco melhor?

Como cada pessoa é uma individualidade única, não pode adaptar-se completamente a estas expectativas que vem de fora. Sendo assim, desta relação “entre a personalidade individual e a sociedade, com suas expectativas coletivas, nasce a *persona*, que é como uma máscara, que o indivíduo assume para satisfazer estas expectativas.” (REIS, MAGALHÃES e GONÇALVES, 1984, p. 148).

Fadiman e Frager (1986, p. 53) chamam a nossa atenção para o fato de que a *persona* “tem aspectos tanto positivos quanto negativos.” Por exemplo, uma *persona* muito dominante “pode abafar o indivíduo e aqueles que se

identificam com sua persona tendem a se ver apenas nos termos superficiais de seus papéis sociais e de sua fachada.”

No entanto, continuam os mesmos autores (p. 53, 54), a *persona* “não é totalmente negativa”, pois pode, frequentemente, “desempenhar um papel importante em nosso desenvolvimento positivo.” De que maneira? “À medida que começamos a agir de determinada maneira, a desempenhar um papel, nosso ego se altera gradualmente nessa direção.” (FADIMAN e FRAGER, 1986, p. 54).

Se pensarmos no âmbito organizacional, veremos que esta faceta do psiquismo, a *persona*, exerce um papel muito importante de adaptação e equilíbrio do sujeito. Por conta desta instância, o ego pode se alterar, se adequar a papéis, satisfazer expectativas sociais esperadas com evidentes impactos relevantes para o meio em que se insere.

Sombra

Conceitos que caracterizam e diferenciam o modelo junguiano, como *arquétipo* e *inconsciente coletivo*, podem exigir, de início, um pouco mais de esforço de nossa compreensão por sua originalidade. Quando, por outro lado, vislumbramos o entendimento de Jung a respeito do *ego* e suas

proposições com relação à *persona*, podemos reconhecê-los mais facilmente em nossa própria experiência: temos mais elementos pessoais e vividos em nosso cotidiano para podermos nos identificar com o que está sendo dito.

A ideia de *sombra*, por sua vez, aparece a meio caminho: não é dos conceitos que demandam maior reflexão para entendimento, e nem daqueles com os quais estamos mais familiarizados. Na verdade, a percepção da *sombra* vai depender, em boa medida, de maturidade psíquica, da capacidade de se encarar de frente, fugir das idealizações a respeito de si mesmo, e assimilar o próprio lado sombrio que caracteriza a todos os humanos.

De fato, existem muitas pessoas cujo psiquismo depende de uma idealização de si mesmo (o *Ideal do eu*). Esta força é tão intensa, que se torna difícil a admissão mesmo de pequenos defeitos na personalidade ou desvios de caráter menores. “Há pessoas que se abalam excessivamente com essa descoberta, esquecendo que não são as únicas a possuírem um lado sombrio.” (JUNG, 1987, p. 16).

A *sombra* pode ser considerada como “a parte inferior da personalidade, onde se encontram todos aqueles aspectos que o indivíduo considera

indesejáveis, escuros, até mesmo demoníacos, em si mesmo.” Diante disso, a tendência é que não os reconheçamos “por serem muito desmoralizantes.” (EDINGER, 2004, p. 23).⁷

É de interesse também considerar que a *sombra* “é o centro do inconsciente pessoal, o núcleo do material que foi reprimido da consciência.” Ela “representa aquilo que consideramos inferior em nossa personalidade.” Por isso, a *sombra* “inclui aquelas tendências, desejos, memórias e experiências que são rejeitadas pelo indivíduo como incompatíveis com a persona e contrárias aos padrões e ideais sociais.” (FADIMAN e FRAGER, 1986, p. 54).

Ainda compõe a *sombra* “tudo que é considerado fraqueza, defeito, aspectos imaturos e infantis”... (REIS, MAGALHÃES e GONÇALVES, 1984, p. 148).

Por tudo isso, é bastante relevante considerar que a *sombra* “é mais perigosa quando não é reconhecida.” Observe as importantes consequências desse mecanismo: quando este não reconhecimento prevalece, “o indivíduo tende a projetar suas qualidades indesejáveis em outros ou a deixar-se dominar pela sombra sem o perceber.” (FADIMAN e FRAGER, 1986, p. 54).

Assim como conteúdos da sombra pessoal são frequentemente projetados nos outros (vemos os defeitos e

⁷ “Essa é a primeira coisa com a qual o indivíduo se defronta ao se submeter à uma análise profunda.” (EDINGER, 2004, p. 23).

problemas dos outros mas não vemos que estes são também nossos), os conteúdos da sombra coletiva são projetados em bodes expiatórios, “encarregados” de portar todos os defeitos e a culpa por tudo de mal que ocorre (REIS, MAGALHÃES e GONÇALVES, 1984, p. 149).

E as implicações a envolver a *sombra* não param por aí. Existem dois outros aspectos muito importantes na composição deste quadro:

Primeiramente, importa ressaltar que “quanto mais o material da sombra torna-se consciente, menos ele pode dominar.” Em segundo lugar, “a sombra é uma parte integral de nossa natureza e nunca pode ser simplesmente eliminada.” Por fim, uma pessoa sem *sombra* “não é um indivíduo completo, mas uma caricatura bidimensional que rejeita a mescla do bom e do mal e a ambivalência presente em todos nós.” (FADIMAN e FRAGER, 1986, p. 54).

De acordo com a lógica junguiana, portanto, quando o sujeito toma consciência de sua *sombra*, é menos provável que a projete. Ou seja, que atribua aos outros conteúdos que lhes são próprios.

Ele passa a reconhecer que a qualidade, ideia, ou estilo de vida particular que é tão irritante na outra pessoa é, na verdade, uma expressão de sua própria sombra, que é responsável pela irritação. Podemos ter coisas de que gostamos e de que não gostamos mas quando certo nível de

afeto entra em ação, essa é uma indicação infalível de uma projeção da sombra (EDINGER, 2004, p. 38).

Em toda essa conjunção, temos novamente a possibilidade de nos depararmos com o fato de que as particularidades do psiquismo não são apenas positivas ou negativas. Isso acontece também com a *sombra*. Ela não é “apenas uma força negativa na psique.” A *sombra* é um depósito com “considerável energia instintiva, espontaneidade e vitalidade, e é a fonte principal de nossa criatividade.” (FADIMAN e FRAGER, 1986, p. 55).

Estes conteúdos que acabamos de ver são consideráveis para nos levar a reflexões a respeito de quem somos e como atuamos? Quais as implicações de ignorarmos como funcionamos como humanos? “Aqueles que estão inconscientes de sua própria sombra são uma enorme ameaça ao bem-estar da sociedade como um todo.” (EDINGER, 2004, p. 38).

É fácil perceber, por exemplo, as dificuldades nas interações sociais quando indivíduos não assumem a responsabilidade pelo que fazem ou pelo que são transferindo-a para os demais.

Diante disso, não é fora de propósito considerarmos uma última ponderação sobre o conceito sobre o qual nos debruçamos:

“Lidar com a sombra é um processo que dura a vida toda, que consiste em olhar para dentro e refletir honestamente sobre aquilo que vemos lá.” (FADIMAN e FRAGER, 1986, p. 55).

Self (si-mesmo)

A noção de *self* também é vital para o modelo junguiano. De acordo com seu entendimento, esta seria a “verdadeira individualidade”. (JUNG, 1987, p. 33). Mas o que Jung queria verdadeiramente dizer com isso?

Segundo ele, as esferas consciente e a inconsciente não estão necessariamente em oposição uma à outra “mas completam-se mutuamente para formar uma totalidade: o *self*.” (JUNG, 1928b, p. 53 apud FADIMAN e FRAGER, 1986, p. 56).

Na medida do alcance de nossa experiência atual, podemos dizer que os processos inconscientes se acham numa relação compensatória em relação à consciência. Uso de propósito a expressão “compensatória” e não a palavra “oposta”, porque consciente e inconsciente não se acham necessariamente em oposição, mas se complementam mutuamente, para formar uma totalidade: o *si-mesmo* (*Selbst*) (JUNG, 1987, p. 53).

Ou seja, o *self* é toda a circunferência que abarca tanto o consciente quanto o inconsciente; é o centro desta totalidade, assim como o ego é o centro da consciência (JUNG, 1936b, p. 41 apud FADIMAN e FRAGER, 1986, p. 56).

E é importante também considerar que para Jung, o *self*, além de designar a totalidade psíquica e o centro desta, consistiria também em uma espécie de “centro organizador que rege o desenvolvimento psíquico.” (REIS, MAGALHÃES e GONÇALVES, 1984, p. 150).

Individuação

Como temos chamado a atenção algumas vezes, modelos psíquicos como os que temos estudado são formados por uma sobreposição de noções e conceitos que formam um todo, como a imbricação das várias telhas que compõem um telhado ou as várias peças que integram um motor, o qual necessita de todas elas para poder funcionar.

Se encararmos a teoria junguiana a partir dessas engrenagens que compõem esse todo, outro componente essencial a ser considerado é o fenômeno da *individuação*. E o que representa?

A *individuação* diz respeito a um “processo de desenvolvimento pessoal que envolve o estabelecimento de uma conexão entre o ego, centro da consciência, e o *self*, centro da psique total, o qual, por sua vez, inclui tanto a consciência como o inconsciente.” (FADIMAN e FRAGER, 1986, p. 42).

Ou seja, na percepção de Jung, como aliás acabamos de observar no estudo da noção de *self*, o funcionamento psíquico se caracteriza por uma permanente interação entre a consciência e o inconsciente, “e os dois não são sistemas separados, mas dois aspectos de um único sistema.” Partindo disso, o fato é que “a psicologia junguiana está basicamente interessada no equilíbrio entre os processos conscientes e inconscientes e no aperfeiçoamento do intercâmbio dinâmico entre eles.” (FADIMAN e FRAGER, 1986, p. 42). Este processo resultará no que Jung denominou de *individuação*.

E já que acabamos de falar das interligações e interdependências dos conceitos de um modelo, importa igualmente dizer que a relação da *individuação* com o estabelecimento do *self* consiste no fato de que por meio da *individuação* “o homem torna-se o ser único que de fato é, realiza sua potencialidade. Em outras palavras, torna-se “si-mesmo”⁸ (REIS,

⁸ Na verdade, o processo de *individuação* acaba por ser “o eixo de toda a Psicologia junguiana, e é o ponto de referência para a melhor compreensão das suas conceituações.” (REIS, MAGALHÃES e GONÇALVES, 1984, p. 133).

MAGALHÃES e GONÇALVES, 1984, p. 147). Vamos ampliar um pouco mais essa noção de grande interesse pessoal?

Individuação significa tornar-se um ser único, homogêneo, na medida em que por ‘individualidade’ entendemos nossa singularidade mais íntima, última e incomparável, significando também que nos tornamos o nosso próprio si mesmo. Podemos, pois, traduzir ‘individuação’ como ‘tornar-se si mesmo’ (*verseltung*) ou ‘realização do si mesmo’ (*selbstwirklichkeit*) (JUNG, 1928b, p. 49 apud FADIMAN e FRAGER, 1986, p. 56, 57).

É natural que este “ideal” requeira todo um processo para que se coloque em ação. E como ele acontece?

De início, se faz necessária uma disposição da pessoa para o autoconhecimento. E esse desenvolvimento tem consequências muito positivas para as relações humanas: o egoísmo dá cada vez mais lugar à comunhão, à integração do indivíduo com o mundo.

Desta forma, vai emergindo uma consciência livre do mundo mesquinho, suscetível e pessoal do eu, aberta para a livre participação de um mundo mais amplo de interesses objetivos. Essa consciência ampliada não é mais aquele novelo egoísta de desejos, temores, esperanças e ambições de caráter pessoal, que sempre deve ser compensado ou corrigido por contratendências inconscientes; tornar-se-á uma função de relação com o mundo de objetos, colocando o indivíduo numa comunhão incondicional, obrigatória e

indissolúvel com o mundo (JUNG, 1928b, p. 53, 54 apud FADIMAN e FRAGER, 1986, p. 57).

Para que isso aconteça, no transcurso da individuação se faz necessário “o desnudamento da *persona*. Embora esta tenha funções protetoras importantes, ela é também uma máscara que esconde o *self* e o inconsciente.” (FADIMAN e FRAGER, 1986, p. 57). Vamos tentar tornar isso mais claro?

O que Jung pretende nos dizer é que, em princípio, atuamos como pessoas que querem satisfazer as expectativas do ambiente por meio do desempenho de papéis sociais. E como você já aprendeu, esta função é desempenhada pela *persona*.

Todavia, o resultado é que o uso desta máscara, apesar de poder exercer funções de ordem prática para o sujeito, também pode dificultar o encontro e o contato com o âmago do ser, o ser mais profundo, abrangente e verdadeiro, o ser total: o *self*.

E então, como podemos desimpedir esse processo de autorrealização/individuação⁹? Jung nos diz que se analisarmos a *persona*, podemos dissolver essa máscara.

⁹ “Segundo Jung, todo indivíduo possui uma tendência para a individuação ou autodesenvolvimento.” (FADIMAN e FRAGER, 1986, p. 56).

[A persona] representa um compromisso entre o indivíduo e a sociedade acerca daquilo que alguém parece ser: nome, título, ocupação, isto ou aquilo. De certo modo, tais dados são reais; mas, em relação à individualidade essencial da pessoa, representam algo de secundário, uma vez que resultam de um compromisso no qual outros podem ter uma cota maior do que a do indivíduo em questão (JUNG, 1928b, p. 32 apud FADIMAN e FRAGER, 1986, p. 57).

Você deve estar percebendo as implicações envolvidas no desenvolvimento da *individuação*. Ela tem a ver com algo ao mesmo tempo muito prático e libertador: as pessoas podem passar a depender cada vez menos dos papéis que servem para prestar contas àqueles que as cercam. Assim, podem exercer aquilo que verdadeiramente são: livres, espontâneas, criativas, responsáveis, autorrealizadas. E tal autenticidade terá o potencial de trazer uma contribuição muito maior e mais autêntica e efetiva à sociedade, com uma conseqüente maior realização para o indivíduo.

Tipos psicológicos¹⁰

Estamos erigindo as bases para uma melhor compreensão de como se dá o funcionamento humano a partir de paradigmas psicológicos clássicos. Todo este material pode servir para reflexão resultando em crescimento pessoal

¹⁰ Jung foi fortemente motivado a desenvolver os estudos relacionados aos diferentes tipos psicológicos por consequência de sua ruptura com Freud. Chamaram-lhe a atenção as diversas formas de entender a psicologia humana, como ficou exemplificado pelas distintas perspectivas sobre o tema: a sua, a de Freud, a de Adler (outro dissidente do núcleo central da psicanálise liderado por Freud) (REIS, MAGALHÃES e GONÇALVES, 1984, p. 152).

e, similarmente, para as lideranças institucionais terem mais clareza sobre o efetivo humano à sua disposição e quais as melhores possibilidades de encaminhar seus potenciais.

Neste ponto de nossa trajetória, vamos acentuar ainda mais a questão das diferenças individuais. Jung possivelmente tenha sido o teórico que mais se dedicou ao entendimento desta realidade. E uma maior compreensão sobre essa questão é de vital relevância para relacionamentos mais harmoniosos e desempenhos sociais e profissionais mais produtivos.

Silveira (1981, p. 51) chama a atenção para o fato de que apesar de Jung ter se aprofundado na exploração do inconsciente, não deixou de se dedicar com afinco similar ao estudo das relações dos indivíduos com o meio exterior. E em suas observações sobre as interações humanas, percebeu-as como um desafio permanente para as pessoas por estarem tão longe de cumprir as expectativas dos demais.

Jung enfatiza, da mesma forma, que as marcantes diferenças entre as pessoas estão presentes em todos os âmbitos da sociedade, verificáveis entre os grupos de trabalhadores mais simples e também entre os indivíduos mais diferenciados, não importando tampouco a que gênero possam pertencer (JUNG, 1981, p. 387).

Na vida comum e na clínica via todos os dias que a presença do *outro* é um desafio constante.¹¹ O outro não é tão semelhante a nós conforme desejaríamos. Ao contrário, ele nós é exasperantemente dessemelhante.¹² Não é raro ouvir o marido irritado, dizer que não entende a esposa e a mãe queixar-se de absolutamente desconhecer a filha. Também nas relações de amizade e de trabalho surgem frequentes desentendimentos, desencontros, que deixam cada personagem perplexo face às reações do *outro*, sem que os separem sensíveis diferenças de idade, de educação ou de situação social (SILVEIRA, 1981, p. 51).

De acordo com o que nos confirma a este respeito Schopenhauer, em geral a pessoa não pode estar em uníssono perfeito, senão consigo mesma. “Não se pode estar em uníssono perfeito com um amigo, nem com a mulher amada, pois as diferenças de individualidade sempre produzem uma dissonância por menor que seja.”¹³ (GRATELOUP, 2004, p. 225).

Silveira (1981, p. 51), por conseguinte, sublinha que Jung deteve-se no exame deste problema e apresentou sua contribuição, dentre outros motivos, a fim de que possamos nos orientar melhor dentro dos quadros de referência do *outro*.

O que disse sobre isso o próprio Jung? “É quase impossível que um tipo se assemelhe totalmente a outro e *completamente impossível* que alguém

¹¹ “O inferno... são os outros.” (SARTRE, 1944, p. 45).

¹² A consciência existe num mundo em que há outras consciências (...). Essas duas liberdades não podem coincidir. É por isso que o encontro com o outro é, por essência, conflituoso. (BARAQUIN e LAFFITTE, 2007, 269).

¹³ Extraído de “Aforismos para a sabedoria de vida”.

compreenda perfeitamente uma outra individualidade.” (JUNG, 1987, p. 131, grifo nosso).

Isso não parece a você como sendo da mais alta relevância? E por quê? Em razão de as pessoas no mais das vezes tomarem exclusivamente a si mesmas como referência: se têm habilidades acentuadas com números, são incapazes de compreender aqueles que não a tem. Se têm algum tipo de compreensão sobre a política, tendem a julgar a opinião do outro como distorcida ou inferior. O caprichoso reclama do desleixo de quem faz as coisas de forma apressada e o prático se exaspera com a demora de quem age com esmero, dentre infindáveis exemplos.

Então, que tal dirigirmos nosso olhar para os conteúdos que podem nos auxiliar a entender tudo isso um pouco melhor?

Introversão / Extroversão

Em suas pesquisas e elaborações teóricas, Jung primeiramente distinguiu indivíduos que partem rápidos e confiantes ao encontro dos outros, daqueles que hesitam, recuam, como se o contato com este outro lhes infundisse receio ou fosse uma tarefa demasiado pesada. Estabeleceu, assim, uma nomenclatura envolvendo duas *atitudes* que se popularizou por

influência de seu trabalho: “a primeira forma de atitude denominou extroversão e a segunda introversão.” (SILVEIRA, 1981, p. 51).

Dentre todos os conceitos de Jung, *introversão* e *extroversão* são os mais usados. Jung descobriu que cada indivíduo pode ser caracterizado como sendo primeiramente orientado ou para seu interior ou para seu exterior. A energia dos introvertidos segue de forma mais natural em direção a seu mundo interno, enquanto que a energia do extrovertido é mais focalizada no mundo externo (FADIMAN e FRAGER, 1986, p. 47).

Nosso especialista observou que não há pessoa puramente introvertida ou extrovertida. “Entretanto, cada indivíduo tende a favorecer uma ou outra atitude e opera principalmente em termos desta atitude.” (FADIMAN e FRAGER, 1986, p. 47).

Em algumas circunstâncias, a introversão tende a ser mais apropriada, enquanto que em outras, naturalmente, a postura mais indicada é a da extroversão. “As duas são mutuamente exclusivas;” ou seja, é óbvio que “não se pode manter ambas as atitudes, a introversão e a extroversão, ao mesmo tempo.” E importa realçar, além do mais, que nenhuma das duas “é melhor que a outra.” O ideal seria “ser flexível e capaz de adotar qualquer uma delas quando for apropriado - operar em termos de um equilíbrio entre

as duas e não desenvolver uma maneira fixa de responder ao mundo.” (FADIMAN e FRAGER, 1986, p. 47).

Para entendermos um pouco mais sobre estas duas características primordiais, é interessante acentuar que “os interesses primários dos introvertidos concentram-se em seus próprios pensamentos e sentimentos, em seu mundo interior.” Como é óbvio presumir, “tendem a ser profundamente introspectivos.” Em casos extremos, haveria um perigo para as pessoas com este perfil de “imersão de forma demasiada em seus mundos interiores, perdendo o contato com o ambiente externo.” (FADIMAN e FRAGER, 1986, p. 47).

Já os extrovertidos, por sua vez, “envolvem-se com o mundo externo das pessoas e coisas; tendem a ser mais sociais e conscientes do que está acontecendo à sua volta.” Tais sujeitos, a exemplo dos introvertidos, também tem seus problemas em casos desta sua atitude ser muito exacerbada; eles “necessitam proteger-se para não serem dominados pelas exterioridades alienarem-se de seus próprios processos internos.” (FADIMAN e FRAGER, 1986, p. 47).

Pensamento / Sentimento / Sensação / Intuição

Segue-se que mesmo ao Jung ter percebido que existem duas grandes categorias, a dos extrovertidos e a dos introvertidos, ainda assim se observavam reações diferentes de cada extrovertido frente à mesma situação, o mesmo ocorrendo, logicamente, com os introvertidos. E ele então se perguntava: por quê?

Silveira (1981, p. 51), salienta a questão de que dentro de cada uma das duas atitudes típicas existiam variações. Desse modo, “um introvertido podia diferir enormemente de outro embora ambos reagissem, de modo análogo, face aos objetos.” Processo semelhante acontecia com os extrovertidos.

O que ocorreu, então, quando Jung se deparou com estas realidades? “Como bom empirista, Jung foi acumulando observações até concluir que essas diferenças dependiam da *função psíquica* que o indivíduo usava preferentemente para adaptar-se ao mundo exterior.” (SILVEIRA, 1981, p. 54, grifo nosso).

Como consequência, nosso teórico identificou “quatro funções psicológicas fundamentais:” pensamento, sentimento, sensação e intuição. E cada uma

delas “pode ser experienciada tanto de uma maneira introvertida quanto extrovertida.” (FADIMAN e FRAGER, 1986, p. 47).

De modo mais específico, o processo se deu assim:

Jung havia diferenciado as pessoas em extrovertidos e introvertidos e em dois processos mentais básicos - percepção e julgamento. Posteriormente, dividiu a percepção em sensação e intuição e o julgamento em pensamento e sentimento. Para ele, essas quatro dimensões ou traços de personalidade são comuns e diferem na combinação das preferências de cada pessoa (CHIAVENATO, 2005, p. 201).

Ocorreu a Jung, dessa forma, estabelecer estas quatro funções básicas de adaptação, como se fossem uma “espécie de quatro pontos cardeais que a consciência usa para fazer o reconhecimento do mundo exterior e orientar-se.” (SILVEIRA, 1981, p. 54).

Um pressuposto importante referente a este quadro é que, na experiência do estudioso que seguimos, “as funções psicológicas fundamentais raramente, para não dizermos nunca, têm no mesmo indivíduo uma potencialidade idêntica ou um mesmo grau de desenvolvimento.” De modo geral, portanto, há de predominar sempre uma ou outra função, “quer por sua força, quer por seu desenvolvimento.” (JUNG, 1981, p. 404).

E o que caracteriza cada uma dessas funções?

Jung entende o *pensamento* e o *sentimento* como “maneiras alternativas de elaborar julgamentos e tomar decisões.”

O *pensamento* está relacionado com a verdade, com julgamentos derivados de critérios impessoais, lógicos e objetivos. A consistência e princípios abstratos são altamente valorizados. Os tipos reflexivos (aqueles indivíduos em quem o pensamento é função predominante) são os maiores planejadores; entretanto, tendem a agarrar-se a seus planos e teorias, ainda que sejam confrontados com nova e contraditória evidência. *Sentir* é tomar decisões de acordo com os julgamentos de valores próprios, por exemplo, bom ou mau, certo ou errado, agradável ou desagradável (ao invés de julgar em termos de lógica ou eficiência como no pensar). Tipos sentimentais são orientados para o aspecto emocional da experiência. Eles preferem emoções fortes e intensas ainda que negativas, a experiências ‘mornas’ (FADIMAN e FRAGER, 1986, p. 47, 48).

Por outro lado, nosso teorista vai classificar a *sensação* e a *intuição* conjuntamente como “as formas de apreender informações, ao contrário das formas de tomar decisões.” (FADIMAN e FRAGER, 1986, p. 48). De modo mais específico, o que isso significa?

A *sensação*, define Jung, vai se relacionar a um “enfoque na experiência direta, na percepção de detalhes, de fatos concretos - o que uma pessoa pode ver, tocar, cheirar.” À vista disso, “experiência concreta, tangível, tem prioridade sobre a discussão ou a análise da experiência.” Há mais sobre

este perfil: os tipos sensitivos “tendem a responder à situação imediata, e lidam efetiva e eficientemente com todos os tipos de crises e emergências. Em geral, eles trabalham melhor com instrumentos e utensílios do que qualquer um dos outros tipos.” (FADIMAN e FRAGER, 1986, p. 48). E o tipo intuitivo, como é?

A intuição é uma forma de processar informações em termos de experiência passada, objetivos futuros e processos inconscientes. As implicações da experiência (o que poderia acontecer, o que é possível) são mais importantes para os intuitivos do que a experiência real por si mesma. Pessoas fortemente intuitivas dão um significado às suas percepções com tamanha rapidez que via de regra não conseguem separar suas interpretações dos dados sensoriais brutos. Os intuitivos processam informação muito depressa e relacionam, de forma automática, a experiência passada e informações relevantes à experiência imediata. Pelo fato deles frequentemente categorizarem em termos de material inconsciente, seu pensamento parece avançar aos trancos e barrancos (FADIMAN e FRAGER, 1986, p. 48).

Nise da Silveira apresenta de forma sintética cada uma das funções para que possamos ter ainda mais clareza quanto ao que cada uma delas representa.

A sensação constata a presença das coisas que nos cercam e é responsável pela adaptação do indivíduo à realidade objetiva. O *pensamento* esclarece o que significam os objetos. Julga, classifica, discrimina uma coisa da outra. O *sentimento* faz a estimativa dos objetos. Decide do valor que têm para nós. Estabelece julgamentos como o pensamento, mas a sua lógica

é toda diferente. É a lógica do coração. A *intuição* é uma percepção via inconsciente. É apreensão da atmosfera onde se movem os objetos, de onde vêm e qual o possível curso de seu desenvolvimento (SILVEIRA, 1981, p. 54).

E Jung apresenta uma síntese complementar que amplia de maneira muito consistente a compreensão do tema que estamos discutindo:

A fim de nos orientarmos, temos que ter uma função que nos assegure de que algo está aqui (sensação); uma segunda função que estabeleça *o que* é (pensamento); uma terceira função que declare se isto nos é ou não apropriado, se queremos aceitá-lo ou não (sentimento); e uma quarta função que indique de onde isto veio e para onde vai (intuição) (JUNG, 1942, p. 167 apud FADIMAN e FRAGER, 1986, p. 48).

Por mais que cada pessoa possua uma composição única destes fatores é de interesse levar em consideração que “uma combinação das quatro funções resulta numa abordagem equilibrada do mundo.” (FADIMAN e FRAGER, 1986, p. 48).

Ou seja, importa ao sujeito bem perceber a realidade em torno de si, avaliá-la de forma consciente, adequada e favorável, sem perder de vista a experiência ancestral e pessoal presente no inconsciente para uma apreensão, o quanto possível, mais plena da realidade para uma atuação adequadamente funcional. Mesmo assim, uma função sempre será

prevalente nos indivíduos; uma outra lhe será auxiliar; enquanto isso, as restantes tenderão a permanecer em um nível mais inconsciente.

Portanto, é elementar supor, também no que se refere a este pormenor, que ninguém desenvolverá igualmente bem todas as quatro funções.

Cada pessoa tem uma função fortemente dominante, e uma função auxiliar parcialmente desenvolvida. As outras duas funções são em geral inconscientes e a eficácia de sua ação é bem menor. Quanto mais desenvolvidas e conscientes forem as funções dominante e auxiliar, mais profundamente inconscientes serão os seus opostos (FADIMAN e FRAGER, 1986, p. 48).

Mas, afinal, como essas diferenças aparecem? Jung as atribui a heranças genéticas, influências familiares e culturais, experiências de vida, fatores estes que determinam as formas de as pessoas reagirem ao mundo (REIS, MAGALHÃES e GONÇALVES, 1984, p. 156).

Temos abordado e assimilado esses conteúdos que ampliam nossas referências para entendimento do funcionamento humano. Todavia, não podemos pensar que estamos apenas diante de teorias: o impacto desses conhecimentos em nossa vida prática é de significativa importância. Vamos ver um exemplo?

Nosso tipo funcional indica nossas forças e fraquezas relativas e o estilo de atividade que tendemos a preferir. A tipologia de Jung é especialmente útil no relacionamento com os outros, ajudando-nos a compreender os relacionamentos sociais; ela descreve como as pessoas percebem de maneiras alternadas e usam critérios diferentes ao agir e ao fazer julgamentos (FADIMAN e FRAGER, 1986, p. 48).

Essa temática gera interesse pois, independentemente de suas características de personalidade, os líderes, os profissionais, as pessoas em geral, todos trazem em si particularidades passíveis de acrescentar elementos e contribuições para o permanente desenvolvimento da humanidade, seja em âmbitos menores, seja em níveis de maior impacto e influência.

E essa matéria merece, por isso, ser mais bem detalhada.¹⁴ É o que faremos a seguir.

Tipo pensamento extrovertido¹⁵

O que caracteriza esse tipo, segundo Silveira (1981, p. 57), é que a personalidade consciente é extrovertida e o pensamento, sua função

¹⁴ Com a elaboração de seu quadro de referências, Jung nunca quis enquadrar as pessoas dentro de uma forma. Antes disso, busca apenas um norte para o entendimento das diferenças individuais, sempre considerando o respeito às especificidades e características únicas de cada sujeito (REIS, MAGALHÃES e GONÇALVES, 1984, p. 156).

¹⁵ Seguiremos de agora em diante de maneira acentuada, por motivos didáticos, a descrição de Nise da Silveira (1981) sobre os *Tipos Psicológicos*, com alguns comentários adicionais do próprio Jung (1981), extraídos de obra homônima.

principal, está dirigido para o exterior. E em termos mais específicos, o que isso quer dizer?

Na verdade, a atitude dessa pessoa “tende constantemente a estabelecer ordem lógica, clara, entre coisas concretas.” (SILVEIRA, 1981, p. 57). O raciocínio abstrato não atrai o tipo pensamento extrovertido. Ele poderá bater-se com entusiasmo pela liberdade mas, acossado por alguém que lhe peça para dizer o que entende por “liberdade”, não se interessará por definir-lhe o conceito.

Este é um indivíduo que “gosta de fazer prevalecer seus pontos de vista que coordena de maneira rígida e impessoal tornando-se muitas vezes autoritário, principalmente no círculo de sua família.” Além disso, sua conduta “é pautada segundo regras rigorosas, dentro de *seus princípios*, os quais ele aplica também aos outros, sem fazer a estimativa de nuances pessoais.” (p. 57). O que Jung fala explicitamente sobre isso?

O tipo pensativo extrovertido não só se subordina à sua fórmula como pretende também que assim procedam todos quantos o cercam, para o bem próprio de cada um, pois quem não o fizer prevarica e contradiz a lei do mundo, sendo, portanto, insensato, imoral e sem consciência (JUNG, 1981, 405).

E Jung prossegue na descrição deste sujeito afirmando que para ele não existem exceções, sendo seu ideal a perfeita e superior descrição da realidade e da objetividade e, por conseguinte, “há de ser uma verdade universalmente válida, imprescindível para a salvação da humanidade” (JUNG, 1981, p. 405).

Você conhece alguém assim? Ou será que pode se reconhecer nessa descrição? E o que mais será que caracteriza esse tipo?

Os representantes deste tipo que mais se destacam são hábeis políticos, homens de negócios, advogados brilhantes, que rápido encontram os fatos básicos das situações que têm em mãos, excelentes organizadores de serviços científicos, de firmas comerciais ou de setores burocráticos (SILVEIRA, 1981, p. 57).

Silveira (1981, p. 57, 58) acrescenta que o ponto fraco dessa categoria é o sentimento, considerada como função pouco manifesta, ou função inferior. Quer dizer, apesar de ser capaz “de afeições profundas, tem grande dificuldade em expressá-las. Por isso é sempre mais apreciado no seu meio profissional e social que entre os membros da própria família.”

Por exemplo, a esposa e os filhos de um tipo *pensamento extrovertido*, continua Silveira (1981, p. 58), “não se acreditam amados tanto quanto o são na realidade, pois ele nunca sabe encontrar maneiras adequadas de

expressar seus íntimos sentimentos.” Por outro lado, “não são raras súbitas e violentas explosões de afeto que até poderão atingir graus perigosamente destrutivos.” Estes fenômenos, supostamente, seriam “decorrentes de uma função sentimento indiferenciada e inconsciente.”

Tipo sentimento extrovertido

Esta é uma pessoa que aparenta estar de bem com o meio em que vive, afirma Silveira (1981, p. 58), pois “mantém adequada relação com os objetos exteriores, vivendo nos melhores termos com o seu mundo.” Quais algumas de suas características mais marcantes?

Este é um sujeito “acolhedor e afável. Irradia calor comunicativo que torna o indivíduo deste tipo o centro de amigos numerosos.” Porém, este tipo “sabe fazer a correta estimativa desses amigos, facilmente pesa suas qualidades positivas e negativas, e assim não forma ilusões sobre as pessoas com quem convive.” (SILVEIRA, 1981, p. 58).

Esta capacidade de segura avaliação afetiva poupa-o das decepções que são as habituais agruras do tipo pensamento, nem lhe acontece, como àquele, ser subitamente submerso por explosões de sentimentos. Permanece, em geral, fiel aos valores que lhe foram inculcados desde a infância. As manifestações de sua afetuosidade são exuberantes e não

raro, parecem excessivas aos olhos de outros tipos (SILVEIRA, 1981, p. 58, 59).

E temos algumas outras particularidades dessa personalidade. Por exemplo, se tal pessoa se dedica à vida pública “pode tornar-se um grande líder, fascinado pelo apelo emocional de sua personalidade mais que pela originalidade de seu pensamento.” E mais: nos círculos mais íntimos, vai se manifestar como dos “mais agradáveis amigos e amigas, pois poder-se-á dizer que foi este tipo que inventou a *arte da amizade*.” (SILVEIRA, 1981, p. 59).

Como se poderia esperar, seu ponto de maior vulnerabilidade é justamente o pensamento, “sobretudo o raciocínio abstrato.” (SILVEIRA, 1981, p. 59). Nesse sentido, aliás, Jung (1981, p. 418) ressalta que esse tipo “é o que mais reprime seu pensamento, justamente por ser o pensar que provoca a maior perturbação do sentir.”

Por consequência, vertentes do conhecimento como a matemática ou reflexão filosófica, “são áreas onde este tipo não se move à vontade. Prefere a medicina, ciências diretamente ligadas ao homem, a poesia lírica, a música romântica, enfim as coisas que o toquem na esfera afetiva.” (SILVEIRA, 1981, p. 59).

Essa pessoa tão transbordante de calor humano surpreende muitas vezes seus íntimos quando formula julgamentos críticos extremamente duros e frios, com o caráter de sanções definitivas. Se o controle da função superior falha (desgaste, cansaço, doença), os pensamentos negativos emergem (SILVEIRA, 1981, p. 59).

Tipo sensação extrovertida

A personalidade caracterizada pela *sensação extrovertida*, coloca Silveira (1981, p. 59), tem prazer na apreciação sensorial das coisas. Uma pessoa com esse padrão, que também pode ser descrita como detalhista, em uma situação social qualquer, “saberá descrever como estavam vestidas as pessoas e imediatamente reconhecerá a qualidade dos móveis, dos tapetes.”

O indivíduo com essa natureza aprecia o conforto das casas e das pousadas e, identicamente, os prazeres da gastronomia. E é uma figura que “se relaciona de modo concreto e prático aos objetos exteriores.” (SILVEIRA, 1981, p. 60).

Esta personalidade se adapta facilmente às circunstâncias “possuindo seguro sentido da realidade.” (SILVEIRA, 1981, p. 60). Jung (1981, p. 423) fornece as bases para Silveira fazer essa espécie de afirmação quando destaca não haver personalidade que se iguale em realismo como o deste

tipo psicológico. “O seu sentido objetivo dos fatos está extraordinariamente desenvolvido.”

E, ao mesmo tempo, é tido também como aquele que melhor sabe extrair prazer da vida: são aqueles de quem se fala que “sabem viver” (SILVEIRA, 1981, p. 60).

Em termos profissionais poderia ser encontrado um bom número desses sujeitos como “engenheiros, mecânicos, industriais e comerciantes que alcançam grandes êxitos em seus campos.” (SILVEIRA, 1981, p. 60). Quanto a estes últimos, Jung os classificaria hoje, talvez, na chave dos empreendedores. E há um pouco mais sobre essa categoria:

O tipo sensação extrovertida repele as questões teóricas de caráter geral. O importante para ele é a descrição minuciosa, exata, dos objetos. Procura sempre explicar os fenômenos pela sua redução a causas objetivas já bem estabelecidas. As hipóteses de interpretações, no domínio científico, parecem-lhe sempre fantasiosas. E a atenção às manifestações da vida subjetiva se lhe afigura sintomas de doença ou, pelo menos, coisa inútil (SILVEIRA, 1981, p. 60).

Para acabar de compor o esboço deste funcionamento, importaria dizer, identicamente, que este caráter se descreve como “eficiente e prático”. Contudo, há consequências cruciais por conta disso: “como a intuição é a sua função inferior, acontece frequentemente que não percebe o

desdobramento de possibilidades novas. Isso tem sido motivo do fracasso surpreendente de muito industrial ou comerciante hábil.” (SILVEIRA, 1981, p. 60). Estamos novamente diante de uma descrição relacionada a uma personalidade que não tem o perfil empreendedor, certo?

Este momento de nossa exposição parece muito propício para uma pequena reflexão: quando você lê uma exposição como essa posta acima, qual a sua impressão? Acha muito estranho que alguém possa funcionar dessa maneira? Ou sente que este pode ser, em alguma medida, o seu próprio perfil? Seja qual for a alternativa, o ensinamento que o assunto traz quanto às diferenças individuais é de grande interesse, não é mesmo?

Tipo intuição extrovertida

Se deixamos o perfil anterior falando da falta do viés empreendedor, agora podemos dizer o contrário: ainda seguindo Silveira (1981, p. 61), o tipo definido como *intuição extrovertida* “está sempre farejando novas possibilidades, coisas que ainda não assumiram formas definidas no mundo real.”

Na descrição de Jung (1981, p. 429), essa pessoa “jamais se adapta a situações estáveis, que existam e estejam solidamente radicadas há muito tempo” e que tenham “valor universalmente reconhecido.” E Jung continua:

Esse tipo “localiza, sem dúvida, novos objetos e orientações ou rumos com enorme intensidade e, por vezes, com um entusiasmo extraordinário, para logo renunciar a eles friamente, sem piedade e sem recordações” (JUNG, 1981, p. 429).

Sendo assim, “onde subsistir uma possibilidade, aí se agarra o intuitivo, com uma força de destino. É como se pusesse toda a sua vida na nova situação.” Por conta disso, “a razão e o sentimento não o deterão nem o amedrontarão em face de uma nova possibilidade, mesmo que esta contradiga suas convicções anteriores.” (JUNG, 1981, p. 429).

Por conta desse quadro, essa conformação de personalidade percebe antes de todos os outros quais os negócios mais promissores do próximo ano ou “presente o rumo futuro dos acontecimentos políticos.” (SILVEIRA, 1981, p. 61).

No campo da ciência este indivíduo “está sempre interessado pelas aquisições mais inovadoras e no campo da arte descobre o pintor, hoje

desconhecido, que será aceito como um gênio daqui a 30 anos.” (SILVEIRA, 1981, p. 61). Este não parece mesmo um tipo empreendedor?

Emprende várias iniciativas ao mesmo tempo, pois como deixará de agarrar probabilidades tão vantajosas que por assim dizer oferecem-se a ele, enquanto os outros em torno nem sequer as percebem? Se facilmente dá início a atividades novas, também do mesmo modo as abandona à meio caminho para começar outra coisa que de repente o fascinou. Não lhe agradam as situações estáveis, dentro das quais se sente como um prisioneiro. Sua função principal arrasta-o para a frente e, se não der atenção a função do real (sensação), que é seu ponto fraco, outros colherão o que ele semeou (SILVEIRA, 1981, p. 61).

E, mesmo diante de tudo o que traçamos, ainda temos alguns outros tipos de personalidades a serem por nós avaliados. O que caracteriza o seu tipo psicológico já foi descrito ou será que vai ser mais bem definido a seguir? Vamos ver?

Tipo pensamento introvertido

O tipo *pensamento introvertido*, informa Silveira (1981, p. 62), considera as ideias gerais aquilo que há de mais importante. Quer dizer, ao considerar uma questão busca “situar ideias e pontos de vista que lhe permitam uma visão panorâmica dos temas a estudar.”

Esse sujeito também tem suas características psíquicas bem acentuadas. É possível dizer que uma racionalidade exacerbada o caracteriza. Assim, “ideias gerais mal digeridas, mal diferenciadas, confundidas umas nas outras põem os indivíduos desse tipo irritadíssimo contra quem as apresenta em tal estado.” (SILVEIRA, 1981, p. 62).

E como pontua Jung (1981, p. 445), seu juízo “parece frio, inflexível, arbitrário e depreciativo”, e sua postura poderá demonstrar repulsa, desprezo e precaução. Além disso, se mostrará “insensível e imune a toda influência externa” (p. 446).

Isso pode ser uma das causas por que em suas atividades profissionais esse tipo psicológico “suscita a mais feroz oposição, o que o deixa atônito, quando não se lança numa polêmica tão encarniçada quanto estéril.” (JUNG, 1981, p. 447).

Silveira (1981, p. 62), continua a descrição dessa personalidade afirmando que ao contrário do pensamento extrovertido, que se tipifica por tentar colocar ordem lógica entre ideias já existentes, “o pensador introvertido interessa-se principalmente pela produção de ideias novas ou pela busca de originais e audaciosos jogos do espírito.”

Existem mais características, além dessas: esse tipo valoriza os dados empíricos secundariamente, “apenas para documentar suas teorias e não porque lhes atribua interesse próprio.” (SILVEIRA, 1981, p. 62). Quais serão as pessoas do seu meio que se enquadram nesse tipo de personalidade? Ou será que este tipo combina com você?

De acordo com o retrato de Silveira (1981, p. 62), as pessoas com este perfil seriam os matemáticos teóricos, os filósofos criadores de concepções do mundo; aqueles que se deleitam nas especulações filosóficas ou científicas são os mais altos expoentes deste tipo psicológico.

Enquanto sua racionalidade se mostra de forma prevalente, a vertente emocional deste perfil se manifesta de forma inversamente proporcional.

Seus sentimentos são fortes genuínos e manifestam-se de modo primitivo, poder-se-á mesmo dizer selvagem, pois emanam da função inferior que é caracteristicamente indiferenciada (...). Poderá ferir e destruir, mas sem intenção malévola, como uma força da natureza (SILVEIRA, 1981, p. 62, 63).

O que se pode depreender minimamente dessas descrições, por conseguinte, é que para alguns o pensar é importante; e para outros o pensar é menos relevante. Talvez o sentir lhes tenha maior valor. Mas isso

não abrange tudo, inegavelmente. Ainda há mais maneiras de existir, de ser no mundo.

Tipo sentimento introvertido

É bem possível que você tenha razoáveis condições de perceber o que é uma condição de introversão; e, da mesma forma, o que tem a ver com a função do sentimento. Então, é razoável supor, que pode presumir algumas características do perfil de *sentimento introvertido*.

Sobre essa classe, Jung (1981, p. 450) observa que exteriormente demonstram uma harmonia que não pretende chamar a atenção, uma agradável tranquilidade que não busca provocar ou impressionar “e muito menos coagir e alterar o próximo.” Em casos extremos pode aparentar indiferença e frieza ante as alegrias ou tristezas do outro.

Tais personalidades são, ao mesmo tempo, caladas e de temperamento melancólico. Como são dificilmente acessíveis e frequentemente incompreensíveis, seus motivos se mostram incógnitos (JUNG, 1981, p. 450).

Silveira (1981, p. 63, 64), confirma essas tendências ao dizer que tais pessoas apresentam um tipo de personalidade calma, retraída e por isso se

mostram mais silenciosas. São de difícil acesso e por isso nem sempre é simples compreendê-las pois “suas verdadeiras intenções permanecem ocultas.” Por isso, passam um ar enigmático. “Seus sentimentos são finamente diferenciados, mas não se exprimem externamente.” São pessoas profundas e intensas. Suas relações “são mantidas dentro de limites bem medidos”. Qualquer manifestação emocional exagerada lhe provoca reações de repulsa.

E Silveira (1981, p. 64) prossegue em sua caracterização afirmando conjuntamente que este tipo psicológico aparenta ser frio e indiferente, quando na realidade oculta, muitas vezes, paixões intensas. Pode se identificar ainda com “ideais religiosos ou humanitários, aos quais venham a aderir devotada e apaixonadamente ao ponto extremo de sacrifícios heroicos.”

Mas há uma ambivalência de sentimentos envolvendo este tipo, pois seus afetos “não se desenvolvem sempre na escala do amor e do devotamento, mas também na do ódio e da crueldade onde poderão atingir requintes, também decorrentes da alta diferenciação da função superior.” (SILVEIRA, 1981, p. 64). E o último conjunto de suas características se resume como segue:

Lê e reúne informações sobre os assuntos mais variados. Entretanto, se pretende tirar deduções do material de que dispõe, seu pensamento pouco diferenciado não é suficientemente plástico para elaborar ações de ordem teórica. As construções intelectuais resultam pobres e toscas. Pode-se assinalar mesmo uma certa monomania: a tendência a explicar todas as coisas por meio de um único pensamento diretor. É frequente que se preocupe com o que pensam os outros e lhes atribua, pela projeção de pensamentos negativos, julgamentos críticos, rivalidade intrigas (SILVEIRA, 1981, p. 64).

Tipo sensação introvertida

Jung (1981, p. 457, 458) descreve esta constituição como irracional, imprevisível, centrado em sua própria subjetividade. Isso não quer dizer que não demonstre tranquilidade ou passividade e mesmo autodomínio.

É verdade também que esta personalidade pode não dar valor à realidade externa, já que aquilo que verdadeiramente importa, de sua perspectiva, não dependeria dela. Aliás, pode com frequência questionar, inclusive, o próprio sentido de se existir (JUNG, 1981, p. 458).

Este tipo de indivíduos “põem acima de tudo o prazer estético,” e com uma “requintada sutileza apreciam formas, cores, perfumes.” (SILVEIRA, 1981, p. 65). Por exemplo, se alguém de muitos recursos pertencer a este perfil pode

desembolsar com tranquilidade “uma fortuna por um objeto cujas qualidades estéticas o atinjam profundamente.” (REIS, MAGALHÃES e GONÇALVES, 1984, p. 161).

Nas relações amorosas “vivem intensamente o aspecto sensual, sem que lhes seja necessária a presença de verdadeiros sentimentos afetivos.” Apresentam um traço de vaidade importante preocupando-se muito com o próprio corpo. Por outro lado, “seu afinamento sensorial não é apurado apenas para as sensações provenientes do exterior, mas também para as sensações internas, o que os torna capazes de detectar mínimas reações do próprio organismo.” (SILVEIRA, 1981, p. 65).

Tipo intuição introvertida

Na exposição dessa classe, Jung (1981, p. 463) ressalta um lado artístico, fantasioso, sonhador e mesmo de “profeta místico”.

Os mais altos expoentes deste tipo são os criadores de novas filosofias ou religiões. Muitas vezes considerados excêntricos, possuem no entanto a capacidade de apreender os movimentos ainda incipientes de transformação de toda uma cultura, como no caso dos profetas (REIS, MAGALHÃES e GONÇALVES, 1984, p. 162).

E vejam também que descrição impactante feita por Jung desta qualidade de personalidade:

Ao afundar-se, a intuição opera, naturalmente, um distanciamento, frequentemente extraordinário, entre o indivíduo e a realidade palpável, de modo que chega a constituir um completo enigma, inclusive para aqueles que com ele privam mais de perto. Se for artista, sua arte revela coisas distantes e estranhas ao mundo, extraordinárias, policromas, transcendentais, ou banais, belas ou grotescas (JUNG, 1981, p. 464).

O fato é que esta pessoa, como se pode perceber, se interessa muito secundariamente pelo meio exterior, pois “sua função principal está voltada para o interior.” Inclusive, quando as solicitações da realidade externa são excessivas, “chegam a ser vivenciadas por esse tipo como algo torturante.” (SILVEIRA, 1981, p. 66).

Para este tipo psicológico os acontecimentos exteriores permanecem um tanto nebulosos devido à sua incapacidade de registrar rapidamente aquilo que ocorre diante de seus olhos e de fixar seus detalhes precisos. Assim, será a pessoa menos apta para prestar testemunhos. Sem intenção consciente de mentir, poderá contar histórias fabulosas, levado pela própria fantasia, cujo prazer é precisamente distanciar-se da realidade cotidiana (SILVEIRA, 1981, p. 67).

Estas são, pois, as linhas gerais que caracterizam as tendências de cada tipo psicológico, de acordo com a perspectiva junguiana.

É fácil para você detectar qual dessas funções prevalece no seu psiquismo? E qual delas será que predomina nas pessoas com quem você trata nos mais variados campos de relacionamento, sejam eles formais ou informais, pessoais ou institucionais? Quais serão as implicações e os resultados práticos de uma ou outra dessas características preponderar em você ou naqueles com quem você convive?

Se você é muito racional, é capaz de coexistir bem com alguém cujo psiquismo é regido mais pelo sentimento ou pela intuição? Como proceder em um meio em que necessariamente terão que conviver estes variados tipos de personalidade? E, mais que isso: qual a utilidade da diversidade e como aproveitá-la em todas as suas potencialidades?

O modelo analítico de Jung pode nos proporcionar uma compreensão e amplitude bem maiores a respeito das diferenças individuais e do respeito que podemos desenvolver pelos outros a partir do entendimento de que as pessoas são muito distintas umas das outras. Cabe a nós aceitarmos isso e buscarmos viver da melhor maneira possível em um ambiente de compreensão e harmonia.

Considerações Finais

Percorreremos um caminho cheio de possibilidades para entendermos melhor como funcionamos como seres humanos. Para isso, adotamos como guias quatro dos mais respeitados teóricos sobre o psiquismo e o comportamento humano.

Com Freud, entendemos que os indivíduos possuem uma natureza que persegue incessantemente a satisfação dos próprios desejos. Ele usou o conceito de *Id* para descrever essa tendência.

Segundo a descrição psicanalítica, a partir de determinado estágio, emerge dessa estrutura primordial uma segunda que, dentre outras funções, é responsável pela consciência individual, assumindo as várias implicações de avaliação da realidade interna e externa na busca do melhor equilíbrio para o psiquismo; trata-se do *Ego*.

Por fim, uma terceira instância aparece como consequência do processo de aculturação da criança, a partir do seu relacionamento com as figuras de autoridade que a cercam: o *Superego*.

Esses elementos são os protagonistas daquilo que Freud descreve como conflito psíquico, sempre presente diante dos indivíduos; ou seja: as

exigências infindáveis do *Id* sendo confrontadas pelas imperiosas restrições da cultura (*Superego*), e isso em permanente consideração pelo *Ego* para a busca de sua melhor decisão e atitude frente às demandas em conflito.

Isso tem alguma implicação e importância para as relações humanas, para o desempenho social em geral e para atuação profissional em particular? Sim, certamente essas conceituações servem de base para entendermos que nos mais diversos meios lidaremos com pessoas e suas necessidades básicas, sempre com tendência a querer satisfazê-las (*Id*).

Esses indivíduos terão uma história pessoal única de aculturação a qual desencadeará uma capacidade de adaptação própria ao meio em que estão inseridos (*Superego*). A forma da consciência (*Eu*) para ajustamento às demandas da realidade será vital para que tal pessoa seja assimilada aos diversos contextos sociais, sejam pessoais ou profissionais.

Nosso segundo teórico, Rogers, inicialmente foi em boa medida um adepto das concepções freudianas, mas sua natureza, visão de realidade e experiência fizeram-no se desprender desse quadro referencial para a criação de seu próprio modelo.

Ao contrário do mestre vienense, Rogers era um otimista, acreditava em uma tendência autorrealizadora, ou seja, que o ser humano, inerentemente bom, traria em si uma propensão inata à organização e ao desenvolvimento de si mesmo. Se as circunstâncias em redor fossem propícias, o indivíduo tenderia a alcançar suas potencialidades de modo mais pleno e consistente.

A facilitação para esse processo ocorreria por meio de uma aceitação incondicional da própria realidade por parte do outro, tendo como uma ferramenta central a atitude empática. E quais as consequências práticas desse processo?

As pessoas no geral querem ser consideradas como dignas de confiança, merecedoras de credibilidade. Sentem-se desmotivadas quando postas em julgamentos que desabonem seu caráter, idoneidade ou competência. Por contraste, se motivam quando são tidas por dignas, confiáveis, hábeis, capazes de cumprir as expectativas específicas do meio em que estão incorporadas. E a aceitação incondicional proposta por Rogers motivaria os indivíduos ao aprimoramento e desenvolvimento pessoal, com impacto direto no desempenho e entrega de resultados.

Em seguida, estudamos o modelo comportamental de Skinner com seu enfoque na avaliação e mensuração do comportamento observável. Partindo de cientistas históricos como Pavlov e Watson desenvolveu, aprimorou e solidificou a ciência relativa ao comportamento.

Seus conceitos de condicionamento operante e reforço positivo são exemplos clássicos a ilustrar como o ser humano se comporta em relação ao meio ambiente, a despeito de suas determinações psíquicas.

Assim, estímulos como comissionamentos e elogios ou sanções e punições, por exemplo, constituem-se em amostras de procedimentos que impactam tanto naquilo que os indivíduos se tornam quanto naquilo que entregam para a sociedade.

De que forma esse aspecto da realidade pode agregar valor ao indivíduo e ao meio em que está agregado?

Sob o ponto de vista da pessoa, é inegável que pode extrair gratificação ao atuar sobre o meio e, como consequência, receber estímulos que lhe motivem a continuar agir sobre ele.

E não há dúvida quanto à relevância do paradigma comportamental também, por exemplo, para o terreno organizacional. Tomemos o caso do

reforço positivo: o que se desencadeia em um profissional que é estimulado por gratificações em consequência de seu desempenho? Alguém que recebe elogios, prêmios, comissionamentos tenderá, naturalmente, a repetir ou mesmo aumentar os comportamentos anteriormente emitidos que determinaram tais estímulos. E os impactos sobre os resultados serão evidentes.

Por último, acessamos as proposições de Jung concernentes ao psiquismo humano. Conhecemos os alicerces de suas concepções sobre a psique para então chegarmos em um campo crucial para nosso aprendizado: os *tipos psicológicos*. E por que este tema se configura como central para nossos interesses neste curso?

Nosso objetivo central é proporcionar subsídios aos líderes organizacionais e profissionais de gestão de pessoas para a melhor adequação possível do capital humano a sua disposição às conveniências de sua empresa.

E, nesta direção, o que Jung sublinha de maneira única? As pessoas são acentuadamente diferentes umas das outras! Seus potenciais são marcadamente diferenciados. Perceber tal realidade é uma necessidade

vital, tanto no que diz respeito ao relacionamento social quanto no que tange ao desempenho institucional!

Jung deixa patente um espectro variado de perfis, que vai desde o limite da racionalidade objetiva até ao extremo da introversão subjetiva. Esta realidade aponta para a necessidade de se aprender sobre quem é o outro que está diante de nós e o quanto é diferente em termos de valores, necessidades, prioridades e habilidades.

As consequências de se deter nessas questões são da mais alta relevância, trazendo repercussões para as pessoas, para as instituições, para as sociedades como um todo.

Referências

BARAQUIN, Noëla; LAFFITTE, Jacqueline. *Dicionário universitário dos filósofos*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

CAMPBELL, Joseph. *O poder do mito*. São Paulo: Palas Athena, 1990.

CHIAVENATO, Idalberto. *Comportamento organizacional: a dinâmica do sucesso nas organizações*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

DESCARTES, René. *Discurso do método*. São Paulo, Nova Cultural, 1999.

EDINGER, Edward F. *Ciência da alma: uma perspectiva junguiana*. São Paulo: Paulus, 2004.

FADIMAN, James; FRAGER, Robert. *Teorias da personalidade*. São Paulo, HARBRA, 1986.

GRATELOUP, Léon-Louis. *Dicionário filosófico de citações*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

JULIEN, Philippe. *A psicanálise e o religioso: Freud, Jung, Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

JUNG, Carl Gustav. *Tipos psicológicos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

_____. *O Eu e o inconsciente*. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. *Memórias, sonhos e reflexões*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

_____. *Psicologia e religião oriental*. São Paulo: Círculo do Livro, 198-?.

REIS, Alberto Olavo Advincula; MAGALHÃES, Lúcia Maria Azevedo; GONÇALVES, Valdir Lourenço. *Teorias da personalidade em Freud, Reich e Jung*. São Paulo: EPU, 1984.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

SARTRE, Jean-Paul. *Entre quatro paredes*. Disponível em: https://www.academia.edu/37064135/ENTRE_QUATRO_PAREDES. Acesso em: 15 nov. 2020.



PROinSP

Educação sob demanda

SILVEIRA, Nise da. *Jung: vida e obra*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.